

DIDÁTICAS INTERCULTURAIS: EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E A DESIGUALDADE DE GÊNERO

Jéssica Caroline Medeiros Silva - UFRN

RESUMO

A ciência, sendo construída por homens e mulheres, é diretamente influenciada pelo o contexto social e cultural em que seu conhecimento é construído. Por esse motivo, pode refletir desigualdades inerentes ao seu processo de construção. É nesse contexto que a educação científica é destacada como uma via de superação de discriminações de diversas ordens que possam estar presentes no território escolar. Através desse estudo teórico realizado através da leitura crítica-analítica de artigos e livros, a interculturalidade é sugerida como uma via de aproximação de diversas culturas, abrindo espaço para o diálogo e valorização das diferentes culturas que possam estar hibridizadas na escola. Dessa forma, promovendo o rompimento de padrões e possibilitando mudanças de comportamento em estudantes desde a escola até a sua formação continuada.

Palavras-chave: Interculturalidade, Desigualdade de gênero, Educação científica.

INTRODUÇÃO

Historicamente, a cultura influenciou, e ainda influencia, a participação feminina nas ciências e suas trajetórias de carreira (Lino; Mayorga, 2016). Por muitas vezes, “durante a construção do conhecimento científico, as mulheres não foram consideradas como agentes nos fenômenos sociais” (Heerdt; Batista, 2016, p. 32).

A ciência é caracterizada pela ação de homens e mulheres imersos em diversas concepções que podem influenciar na construção de um conhecimento (Heerdt; Batista, 2016). Por muito tempo, a atividade científica foi considerada uma área considerada imprópria para mulheres (Chassot, 2004), motivando diversas lutas femininas pelo direito ao espaço público e a reivindicação pelo acesso à educação científica (Lino; Mayorga, 2016).

Embora atualmente o número de mulheres presentes em instituições de ensino superior supere o contingente masculino (IBGE, 2022), ainda existem reflexos da desigualdade de gênero na escolha da carreira entre homens e mulheres desde a escola (Cunha *et al.*, 2014). Em muitos contextos, as desigualdades de gênero podem não ser colocadas como pauta em salas de aula, devido à falta de preparo dos educadores ou por consequência do processo de silenciamento e homogeneização das diferenças culturais (Candau, 2020).

Entretanto, sendo a escola um espaço educativo permeado por diversos saberes e culturas, é pertinente ressaltar a importância de práticas educativas em sala de aula e na cultura



escolar que promovam o rompimento de processos de homogeneização, que invisibilizam e ocultam as diferenças, e reforçam o caráter monocultural das culturas escolares.” (Candau, 2020, p. 40).

É nesse sentido que o presente trabalho tem como objetivo, através de um estudo teórico, dialogar sobre as possíveis vias de aproximação entre as culturas de diversas ordens que possam estar presentes no contexto escolar e que, direta ou indiretamente, influenciam a educação científica.

ABORDAGEM METODOLÓGICA

O presente trabalho configura-se como um estudo teórico ensaístico a partir da perspectiva da interculturalidade, resultado da dissertação de mestrado da autora. O ensaio toma como procedimentos metodológicos a leitura crítica-analítica de artigos e livros que pontuam discussões acerca das temáticas escolhidas como eixos norteadores, sendo eles: interculturalidade e desigualdade de gênero na educação científica.

A partir dos referenciais lidos, foram seguidos dois eixos norteadores para discussão. Sendo eles 1) A interculturalidade em contexto escolar, baseado nos textos de Candau (2010; 2016; 2020; 2017; 2012; 2003) e 2) A educação científica e desigualdade de gênero, baseado nos textos de Louro (1997), Schiebinger (2001), Carrara (2009), Heerd e Batista (2016) e Bento e Sangiogo (2022).

A INTERCULTURALIDADE EM CONTEXTO ESCOLAR

A interculturalidade, segundo Candau (2010), é um conceito que se refere a um diálogo entre diferentes culturas com objetivo de promover a sua compreensão e uma maior valorização das diversidades culturais. Entretanto, esse conceito não está relacionado a uma coexistência estática entre diferentes culturas. A interculturalidade implica em um processo dinâmico da convivência e desconstrução de estruturas que perpetuem a desigualdade e marginalização de grupos culturais (Candau; Russo, 2010).

Em relação ao contexto dentro de sala de aula, no livro Reinventar a escola, Candau (2010) discute como os processos culturais tem contribuído para que novos desafios sejam enfrentados pela educação escolar. Quanto a formação de professores, os cursos de didática, segundo a autora, têm sido duramente criticados devido a distância entre os temas abordados e questões verdadeiramente presentes na docência (Candau, 2020). Sendo a escola um ambiente



de primeiro contato com diferentes culturas, Moreira e Candau (2003) destacam a escola com a função social de “transmitir cultura, oferecer às novas gerações o que de mais significativo culturalmente produziu a humanidade” (Moreira; Candau, 2003, p. 160)

Muitas vezes, a escola tende a ser um local em que as culturas são levadas a um processo de homogeneização, porém Moreira e Candau (2003) discutem que “a escola está sendo chamada a lidar com a pluralidade de culturas, reconhecer os diferentes sujeitos socioculturais presentes em seu contexto, abrir espaços para a manifestação e valorização das diferenças” (Moreira; Candau, 2003, p. 161). Nesse sentido, a interculturalidade em contexto escolar não deve ser apenas uma adição de eventos e temas no calendário escolar (Candau; Russo, 2010). Desse modo, quando inserida apenas de forma superficial, reforça estereótipos e “termina por naturalizar processos de inferiorização de determinados grupos socioculturais.” (Candau, 2016, p. 32).

Tal problemática abre espaço para o seguinte questionamento: Qual seria a via de possibilidade para a superação de uma educação discriminadora? Para tal, Candau (2020) propõe um “arco-íris” de culturas nas práticas educativas, como forma de desconstrução de práticas naturalizadas na prática dos educadores. Sendo assim, possibilitando um espaço para os estudantes questionarem e problematizarem tudo aquilo que parece natural, abrindo caminho para a transformação (Moreira; Candau, 2003).

A EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E A DESIGUALDADE DE GÊNERO

Diversas pesquisas têm discutido ao longo dos últimos anos sobre a forma que a educação científica tem sido implementada na formação inicial de professores e, por conseguinte, nas escolas (Bento; Sangiogo, 2022; Heerdt; Batista, 2016; Oliveira; Hoffmann, 2021). As autoras Oliveira e Hoffman (2021) apontam que a maioria dos currículos destacam os conhecimentos das classes dominantes. Porém, a escola tem o papel de eliminar tais discriminações, visto que é um espaço que proporciona o contato com conhecimentos científicos e diferentes culturas (Oliveira; Hoffmann, 2021).

Para isso, Candau (2016) considera como aspecto fundamental, para uma educação intercultural, que o olhar do próprio educador seja trabalhado para “as questões suscitadas pelas diferenças culturais, como as encara, questionar seus próprios limites e preconceitos e provocar uma mudança de postura” (Candau, 2016, p. 815). Uma cultura escolar que reforça estereótipos sociais pode influenciar na escolha profissional como aponta Cunha *et al.* (2014), associado a fatores de cunho social que diferenciam profissões para homens e para mulheres.



A distinção do espaço destinado aos homens e a realidade que cabe às mulheres pode ser influenciada desde a infância, em que brincadeiras de aventuras, como skates e bicicleta, são “brincadeira de menino” e as brincadeiras de casinha são para meninas. Determinando o espaço público aos meninos e o privado às meninas (Carrara, 2009). O papel da escola e sua importância social é fortemente discutida por Moreira e Candau (2003), visto que, segundo os autores, discriminações como a desigualdade de gênero estão presente na realidade dos alunos e precisam ser fortemente problematizadas e desnaturalizadas (Moreira; Candau, 2003).

Sendo a escola um ambiente de cruzamento de culturas, atravessado por tensões e conflitos, as questões culturais não devem ser ignoradas pelos educadores (Candau, 2020). Compreender como o gênero é tratado no mundo científico pode contribuir para a construção de novos comportamentos (Schiebinger, 2001). O primeiro passo para caminhar em direção a uma educação antidiscriminatória é reconhecer que essa problemática está presente para que seja discutida nos processos educativos (Moreira; Candau, 2003). Dessa forma,

promove-se o reconhecimento de diversos saberes e o diálogo entre diferentes conhecimentos, combate-se as diferentes formas de desumanização, estimula-se a construção de identidades culturais e o empoderamento de pessoas e grupos excluídos, favorecendo processos coletivos na perspectiva de projetos de vida pessoal e de sociedades “outras”. (Candau; Russo, 2010, p. 166)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva de educação intercultural é uma estratégia para que padrões naturalizados na sociedade sejam questionados e o caráter monocultural escolar possa sofrer transformações que promovam uma maior valorização das diferentes culturas. Uma educação que cultiva currículos engessados, promovendo uma interculturalidade superficial, pode ser crucial para reforçar estereótipos e discriminações. Portanto, um caminho de superação dessa problemática é proporcionar aos estudantes a possibilidade de diálogo sobre as diferenças, seu contexto social e preconceitos. Dessa forma, indo na contramão do silenciamento da diversidade cultural, as discussões sobre as desigualdades de gênero possam promover mudanças de comportamentos e rompimento de padrões historicamente estabelecidos na sociedade.

Diante do exposto, o estudo dessa temática abre caminhos para pensar sobre uma educação científica que possibilite aos alunos entrar em contato com uma maior riqueza de culturas, questionando padrões monoculturais e que perpetuam as desigualdades. Sendo assim, abordar a ciência a partir de múltiplos olhares pode permitir o desenvolvimento de um pensamento crítico e reflexivo para que possamos caminhar para uma sociedade cada vez mais equitativa. Além disso, é pertinente destacar a importância da divulgação científica como uma



XXII ENCONTRO NACIONAL DE APROXIMAÇÃO DE UM PÚBLICO MAIS AMPLO E DIVERSO, rompendo as barreiras linguísticas, afim de promover um diálogo que contribua para a democratização do conhecimento científico.

Desse modo, construir uma ciência mais inclusiva e que possibilite uma transformação social.

REFERÊNCIAS

- BENTO, Andressa Soares; SANGIOGO, Fábio André. Diferentes Culturas e Gênero na Ciência: Discussões para a Formação de Professores. **Revista Insignare Scientia - RIS**, v. 5, n. 2, p. 75–91, 2022.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. Cotidiano escolar e práticas interculturais. **Cadernos de Pesquisa**, v. 46, n. 161, p. 802–820, 2016.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. Didática, Interculturalidade e Formação de professores: desafios atuais. **Revista Cocar**, v. 8, n. 2007, p. 28–44, 2020.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças Culturais, Interculturalidade e Educação em Direitos Humanos. **Educacao e Sociedade**, v. 33, n. 118, p. 235–250, 2012.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. “Ideias-Força” Do Pensamento De Boaventura Sousa Santos E a Educação Intercultural. **Educação em Revista**, v. 32, n. 1, p. 15–34, 2016.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Reinventar a escola**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão; RUSSO, Kelly. INTERCULTURALIDADE E EDUCAÇÃO NA AMÉRICA LATINA: uma construção plural, original e complexa. **Revista Diálogo Educacional**, v. 10, n. 29, p. 151, 2010.
- CARRARA, Sergio. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Rio de Janeiro: SPM, 2009.
- CHASSOT, Attico. A CIÊNCIA É MASCULINA? É, sim senhora!... **Contexto e Educação**, v. 19, n. 71/72, p. 9–28, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/viewFile/1130/885>.
- CUNHA, Marcia Borin *et al.* As mulheres na ciência: o interesse das estudantes brasileiras pela carreira científica. **Educación Química**, v. 25, n. 4, p. 407–417, 2014.
- HEERDT, Bettina; BATISTA, Irinéa De Lourdes. Questões De Gênero E Da Natureza Da Ciência Na Formação Docente. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 21, n. 2, p. 30, 2016.
- IBGE. 2018. Estatísticas de Gênero Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf.
- LINO, Tayane Rogeira; MAYORGA, Claudia. As mulheres como sujeitos da Ciência : uma análise da participação das mulheres na Ciência Moderna. **Saúde & Transformação Social**, v. 7, n. 3, p. 96–107, 2016.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 156–168, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200012&lng=pt&tlng=pt.
- OLIVEIRA, Michele Assis de; HOFFMANN, Marilisa Bialvo. Perspectivas antirracistas no Ensino de Ciências e Matemática: Uma análise da Base Comum Curricular de Esteio/RS. **Revista Insignare Scientia - RIS**, v. 4, n. 3, p. 596–613, 2021.
- SCHIEBINGER, Londa. Mais mulheres na ciência: Questões de conhecimento. **Historia, Ciencias, Saude - Manguinhos**, v. 15, p. 269–282, 2008.
- SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a Ciência?** 1. ed. Bauru: EDUSC, 2001.